



Esculturas de Sérgio Camargo na Raquel Arnaud Babenco e as pinturas de Alice Brill, na Bonfiglioli



Um dos 200 trabalhos de João Rossi expostos no Museu de Arte de São Paulo, e a série "pinceladas, respingos, espirros", de Marcelo Nitsche

Às vésperas da Bienal, grandes exposições em cartaz

LEONOR AMARANTE

Como todos os anos em que acontece a Bienal Internacional de São Paulo, as galerias da cidade reservam as exposições mais importantes para os meses de agosto, setembro e outubro. Hoje, às 21 horas, serão inauguradas simultaneamente as de Sérgio Camargo, na Raquel Arnaud Babenco (avenida 9 de Julho, 5.719); Marcelo Nitsche na Susanna Sassoun (alameda Lorena, 1.981) e, no sábado, na Paulo de Figueiredo (rua Dr. Melo Alves, 717); João Rossi, no Museu de Arte de São Paulo (avenida Paulista, 1.578) e Alice Brill, na Bonfiglioli (rua Augusta, 2.995).

Assim como Brancusi, Henry Moore, Marino Marini, entre dezenas de outros escultores de várias épocas de todo o mundo, o brasileiro Sérgio Camargo mantém um ateliê no centro de uma marmoraria em Carrara, na Itália, e um outro em sua fazenda em Jacarepaguá, no Rio. Projetadas e executadas entre dois continentes, as 15 peças em mármore negro, algumas presentes na última Bienal de Veneza, encerram um ciclo começado pelo artista há dez anos. "Esta mostra é o percurso de dez anos em que desdobrei um núcleo base, o cilindro. Agora, as possibilidades estão esgotadas. Essa pesquisa foi também desenvolvida em mármore branco, mas quando radicalizei ao extremo o resultado formal desse núcleo base optei pelo negro."

Artista exclusivo na Europa e nos Estados Unidos da galeria Gimpel Fils,

com matriz em Londres e filiais em Nova York e Zurique, Sérgio Camargo muitas vezes é cobrado pelo fato de trabalhar na Itália usando somente o mármore de Carrara, que na opinião de alguns artistas é um luxo, uma vez que no Brasil já existe material de qualidade. "Isso não é verdade. Além de o mármore brasileiro não ter qualidade, de quebrar facilmente durante a execução das peças, não temos profissionais qualificados, especialistas em obras de arte. Na realidade, as marmorarias trabalham para a construção civil, com gabarito certo, linha industrial intensa e, portanto, não lhes interessa um trabalho eventual. Por tudo isso, sai mais caro trabalhar aqui. Minha peça mais dispendiosa foi, sem dúvida, a da Praça da Sé. O que na Itália um operário executa em uma hora, aqui se faz em uma semana. Trabalho em plena Bolsa Mundial de Pedra, com 30 operários desde 1964. Eles têm a tarimba de artesãos que já executaram peças dos artistas mais importantes do mundo, como Henry Moore. Os novos na profissão já são quarta geração e nos compreendem num simples piscar de olhos. Bem cotado internacionalmente, Sérgio Camargo lembra que não foi fácil chegar a esse estágio. "Até 1963 praticamente não vendia no Brasil. Não sei porque viajei para a Europa, morei 20 anos na França. Logo que cheguei participei de alguns salões que me valeram elogios de algumas compras. A partir daí deslanchei e hoje tenho bom mercado não

só na Europa e Estados Unidos como também no Brasil." O artista continua a executar suas peças na empoeirada marmoraria de Massa, Carrara e a concebê-las entre o verde tropical de seu sítio carioca. Um resultado aplaudido por várias galerias e museus norte-americanos, europeus e latino-americanos, que hoje fazem questão de abrigá-las em seus acervos.

Pinceladas, borrões, espirros? A definição pouco importa. Marcelo Nitsche continua a colorir, sem pincel, dezenas de formas, resultado de seu trabalho anterior, "Pinceladas", que começou em 1981 e que até hoje se desmembra em forma de pingos, respingos ou espirros. Assim como Pollock, que projetava baldes de tinta em suas telas, Marcello Nitsche joga pingos de tinta sobre papel. "Um registro gestual, criado sem o instrumento tradicional de trabalho do pintor, o pincel. O resultado são pingos de grandes dimensões e dezenas de respingos ampliados. Alguns aparecem isolados como uma pincelada, outros agrupados numa cor única, que, no conjunto, chegam a medir seis metros de diâmetro". Esses borrões são feitos em papel e depois projetados em PVC, no qual Nitsche passa a colorilos com tinta a revólver. A partir daí, o trabalho passa a ser uma pincelada feita sem pincel e se transforma em pintura-objeto. O papel que forra sua mesa de trabalho acaba também registrando toda essa pesquisa, mas de forma inversa. Onde no PVC aparecem

zonas coloridas, no papel são espaços em branco. "Essa ausência da pincelada, cujo registro se vai alterando a cada pintura, acabou-me entusiasmando não só pelas formas, mas também pelas gamas de cores, que, no conjunto, lembram os quadros de vários artistas. Na verdade, é uma reflexão acadêmica sobre um trabalho conceitual que escolhi para expor na Susanna Sassoun. As pinceladas ficam para o próximo sábado, na Paulo de Figueiredo".

Para marcar 30 anos de arte, parte deles vivida no Paraguai, onde já faz parte da história da arte local, João Rossi mostra 200 trabalhos entre pintura, cerâmica, escultura e elementos de comunicação visual no Museu de Arte de São Paulo. Criador de algumas técnicas, pesquisador de materiais e professor em várias faculdades, Rossi começou como desenhista de humor e publicitário. "A ida ao Paraguai foi decisiva em minha carreira. Foi lá que tive contato com a arte de Julian del la Herreria e Josefina Pla e, junto com eles, lançamos a arte moderna naquele país. Por meio de Josefina me lancei de corpo e alma na cerâmica." Suas primeiras noções construtivistas e cubistas surgiram logo após o contato com a obra de Torres Garcia, no Uruguai. Desde essa ocasião passou a utilizar indiscriminadamente vários tipos de materiais, que ele chama de polimatérias. Aplicou no barro formas em fiber glass e ferro, na gravura transcendeu o uso de chapa de alumínio abandonando a

tradicional de cobre, o que dispensa o uso de ácidos.

Com objetivo de recuperar o lirismo do urbano e chegar a uma reflexão filosófica sobre a interpenetração de planos, Alice Brill expõe na Bonfiglioli parte de sua última pesquisa, continuação de seu trabalho anterior de paisagens, agora mais leve e transparente. "As cores são menos gritantes. O cinza escuro deu espaço a azuis acinzentados mais leves. Não me preocupo hoje com os contrastes violentos e sim com os tons discretos, poéticos e harmônicos."

"Sinto necessidade de recuperar um pouco a poesia, enquanto isso é possível. Um quadro que procura ser lírico, como por exemplo o "Flor de Maio", que tem um belo fim de tarde, com cinza que prevalece dando a impressão de poluído, tem como contraponto uma florzinha que procura romper este ar mais pesado".

Em seus trabalhos atuais Alice também registra o interior associado ao exterior, sugerindo transparências, idéias de interpenetrações, dentro de uma temática essencialmente urbana onde predominam paisagens, com um número menor de pessoas do que nos trabalhos anteriores. "O que me apalona é a possibilidade de levar alguma coisa ao absurdo, não de maneira direta, e sim indireta. O recurso que utilizo são as transparências". Sem se enquadrar em nenhuma escola, Alice procura não seguir nenhum "ismo" porque "para ser artista é preciso ser autêntica".